

urbana.com.pt

# urbana

TEXTS IN  
ENGLISH

*o guia definitivo  
dos sofás*

COMO ESCOLHER  
MARCAS EM DESTAQUE  
MANUTENÇÃO

## INTERIORES & DESIGN

AI WEIWEI X RUBELLI | LAUFEN | CAMILA FENSTER  
PIET BOON | PUREZA FARIA BLANC | JOANA ASTOLFI  
THEMA ATELIER | BILBAO INTERIORISMO | KELLY WEARSTLER

IMOBILIÁRIO  
PROPERTIES

00746



5 607727 158820

N.º 146 | Junho 2026 | Prensas  
Portugal | Continental 6,00 €



# REFÚGIO EM TERRACOTA NO CORAÇÃO DO CHIADO

Esta não é uma casa qualquer. É a casa da designer Joana Astolfi e da sua família. Um exercício de cor, de matéria e de memória, um habitat íntimo, uma casa cheia de amor, feita de muitas pequenas, grandes histórias.

This is no ordinary home. It belongs to designer Joana Astolfi and her family, an intimate habitat shaped by colour, material and memory, filled with warmth and layered with personal stories.

FOTOS / PHOTOS: RICARDO OLIVEIRA ALVES TEXTO / WORDS: ISABEL PILAR DE FIGUEIREDO  
PRODUÇÃO / STYLING: AMPARO SANTA-CLARA









A casa “é um organismo vivo. Precisa de nutrição, todos os dias.  
Há sempre qualquer coisa para ajustar, para mudar, para acrescentar”

“The house is a living organism, one that requires daily nourishment.  
There is always something to adjust, to refine, to add”







Na Rua da Emenda, no Chiado, uma das mais bonitas, segundo Joana Astolfi, o prédio centenário, revestido de azulejos azuis, recebe-nos, com a sua entrada grandiosa e fresca. É aqui, no piso térreo e no andar superior deste duplex com cerca de 200 m<sup>2</sup>, que Joana encontrou aquilo que descreve como algo mais próximo de um refúgio. O edifício, com quatro pisos e cerca de dez frações, foi renovado há poucos anos. Quando Joana alugou a casa, estava pronta a receber a família. Paredes brancas, interiores neutros, pese embora a sua riqueza histórica, era, ainda assim, um lugar anónimo. Estava, por isso, pronta a receber as suas

In the heart of Chiado, one of Lisbon's most characterful neighbourhoods, a century-old building clad in blue tiles opens onto a grand yet quietly refreshing entrance. Set across the lower levels of a 200-square-metre duplex, this is where Joana Astolfi found what she describes as something close to a refuge. Recently renovated, the apartment was move-in ready: white walls, neutral interiors, a space that, despite its historic fabric, felt curiously anonymous. "I needed to bring it into my own language," she explains.



ideias. “Precisava de trazê-la para a minha linguagem.” Essa linguagem revela-se na paleta cromática: uma sequência de tons terracota, quentes e envolventes, que percorrem paredes, tetos e ambientes. “Procuro sempre o calor visual, aquela sensação de terra, de aconchego. Isso é muito importante para mim.” Em algumas divisões, a cor cobre tudo, paredes e teto, criando uma espécie de casulo. Noutras, há pausas, respiros, luz.

A inspiração vem de um imaginário mediterrânico cada vez mais presente no seu trabalho. Há, ultimamente, uma ligação a lugares como Maiorca, Marraquexe... “Estas inspirações, as suas cores, fazem parte do meu ADN neste momento. Trazem-me paz, harmonia, conforto.” Pontualmente, surgem verdes-oliva ou neutros suaves, mas é a família dos ocre e terracotas que domina e unifica.

A arquitetura contribui para essa experiência sensorial. A sala, com pé-direito alto e a ligação da cozinha ao terraço, assegura liberdade de movimentos, fluidez e luz, espaço e razões para o convívio. No piso superior, os tetos descem e os ambientes são mais íntimos. No seu quarto, em particular, onde a altura ronda os dois metros, Joana reforça essa sensação: “Pintei tudo da mesma cor, num tom mais fechado. É quase um abraço. É o meu refúgio.”

Os materiais existentes, madeira de tábua corrida, pedra lioz, azulejos vidrados, foram mantidos e são a base para

That language is expressed through colour. A nuanced palette of terracotta tones — warm, enveloping, tactile — flows across walls, ceilings and rooms, creating a sense of continuity and depth. In some spaces, colour fully saturates the envelope, forming cocoon-like interiors; in others, it softens, allowing for moments of light and visual pause.

Astolfi’s references draw increasingly from a Mediterranean sensibility, referring to places like Mallorca or Marrakech, whose tones and atmospheres now feel intrinsic to her creative identity. “They bring me a sense of calm, of balance, of comfort.” While occasional olive greens and muted neutrals appear, it is the spectrum of ochres and terracottas that ultimately anchors the home.

The architecture itself reinforces this sensorial experience. The living area, defined by generous ceiling height and a seamless connection between kitchen and terrace, offers openness, light and an easy flow suited to both everyday life and gathering. Upstairs, the mood shifts: ceilings lower, spaces become more intimate. In the bedroom, where proportions are deliberately compressed, Astolfi amplifies the effect. “I painted everything in the same deeper tone. It feels like an embrace, a retreat within the retreat.”

Original materials — timber floorboards, lioz stone, glazed tiles — were carefully preserved, forming the foundation



uma intervenção essencialmente atmosférica. “Não fiz nada estrutural. Foi tudo sobre pintura, luz e objetos.” A lareira em pedra e o teto trabalhado da sala acrescentam textura a um espaço já marcado pela sobreposição de tempos. A decoração segue essa lógica de camadas. Peças contemporâneas convivem com mobiliário vintage, sobretudo escandinavo dos anos 60 e 70. A mesa de jantar em pau-santo, o aparador em teca, cadeiras, candeeiros, muitos deles encontrados em antiquários, convivem com objetos de designers e artesãos locais — cerâmicas, tapeçarias e elementos mais lúdicos. “São peças muito diferentes, mas que conversam entre si. Há um diálogo, uma harmonia.” Há também uma dimensão profundamente pessoal nesta curadoria. Joana é, como diz, “uma colecionadora”. E explica: “Tenho sempre o meu ‘cabinet de curiosidades’,

of an intervention that is largely atmospheric rather than structural. “Nothing was altered architecturally. It was all about paint, light and objects.” A carved ceiling and stone fireplace add further texture to a space already defined by layered histories.

The interior follows a similarly nuanced approach. Contemporary pieces sit alongside vintage finds, particularly Scandinavian designs from the 1960s and ’70s. A rosewood dining table, a teak sideboard, chairs and lighting, many sourced from antiques dealers, coexist with works by local designers and artisans, from ceramics to textiles and more playful objects. “They’re very different pieces, but they speak to one another. There’s a dialogue, a sense of harmony.”





objetos que trago de viagens, que me lembram lugares, emoções, pessoas, algumas delas já não estão entre nós...”. Nesta casa, essa memória materializa-se numa estante sobre a lareira, onde as pequenas peças contam as suas grandes histórias.

Apesar da dimensão da sala principal, convidativa e organizada para vários momentos, o quotidiano acontece noutros pontos da casa. A sala de televisão, mais pequena, é onde se concentram os momentos informais. “É muito mais cosy. Nela vemos filmes, conversamos, jogamos (gostamos muito de gamão).” O seu quarto é outro polo essencial, não só de descanso, mas também de criação e de cuidado. “Tenho um cadeirão, livros, o meu sketchbook. Trabalho muito ali. É também onde faço os meus rituais de meditação, alongamentos, massagens.”

A ligação entre a cozinha e o terraço é outro eixo central, especialmente nos meses mais quentes. “Estamos a cozinhar e, de repente, já estamos lá fora. Fazemos um churrasco, comemos, conversamos.” O terraço, amplo e pontuado por plantas e objetos, funciona como extensão natural da casa.

No duplex, o espaço é partilhado com a filha de 12 anos e o companheiro, o cabeleireiro Tiago. “Somos os três artistas, de certa forma.” O jazz, a dança, o trabalho e os momentos de lazer cabem nesta casa, que se adapta a diferentes ritmos, chegando, por vezes, a acolher clientes, os de Tiago. Ainda assim, há uma dimensão quase sagrada

There is, too, a deeply personal dimension to this curation. “I’m a collector,” she admits. Objects gathered from travels — tied to places, people and memories — are arranged above the fireplace, forming a quietly evocative cabinet of curiosities.

Despite the scale of the main living space, daily life tends to unfold in more intimate settings. A smaller TV room becomes the backdrop for informal moments — films, conversations, games. The bedroom, meanwhile, operates as both sanctuary and workspace, where books, sketchbooks and rituals of rest and reflection coexist.

The connection between kitchen and terrace becomes particularly meaningful in the warmer months, when cooking naturally extends outdoors. The terrace, dotted with plants and collected objects, acts as a seamless continuation of the interior.

Astolfi shares the home with her 12-year-old daughter and her partner, Tiago, a hairdresser. “In a way, we’re all artists,” she reflects. Music, movement, work and leisure all find their place here, in a home that adapts fluidly to different rhythms — occasionally even welcoming clients. And yet, there is something almost sacred in the way it is inhabited. “It’s my habitat. My nest. I need that feeling of arriving, closing the door, and simply being at home.” Like any truly personal space, it remains in flux. “It’s a



no modo como o espaço é habitado. “É o meu habitat. É o meu ninho.” E acrescenta: “Tem de haver aquela sensação de chegar, fechar a porta e sentir que estou em casa.” Essa relação traduz-se também numa ideia de continuidade. A casa nunca está “terminada”. “É um organismo vivo. Precisa de nutrição, todos os dias. Há sempre qualquer coisa para ajustar, para mudar, para acrescentar.” Ao fim de quase dois anos, ainda há peças por pendurar, decisões por tomar. Há, inclusive, um novo sofá para chegar, em breve. Apesar do vínculo, Joana sabe que este não é um lugar definitivo. O futuro aponta para fora da cidade, para um projeto maior, possivelmente rural. “A primeira casa que vou comprar não vai ser uma ‘casa’, vai ser um projeto.” Até lá, o duplex da Rua da Emenda permanece como extensão da sua identidade. “Não faria sentido trabalhar espaços e não viver isso na minha própria casa”, diz.●

living organism. It needs constant care.” Nearly two years on, there are still pieces to hang, decisions to refine, even a new sofa on its way.

And while deeply rooted in her identity, Astolfi knows this is not a permanent address. The future points beyond the city, towards a larger, more rural project. “The first house I buy won’t just be a house — it will be a project.” Until then, this duplex remains a vivid expression of her world. “It wouldn’t make sense to design spaces and not live in my own home.” ●



No quarto, onde a altura baixa e ronda os dois metros, Joana reforça a sensação de acolhimento: "Pintei tudo da mesma cor, num tom mais fechado. É quase um abraço. É o meu refúgio"

In the bedroom, where the ceiling height drops to just under two metres, Joana heightens the sense of intimacy: "I painted everything in a deeper, more enveloping tone. It's almost like an embrace, my refuge"

